

Antígona sobre muros
casamento. *Mortos e vivos*

SÉRIE MITO E (RE)ESCRITA

• *Da velhice à justiça: Antígona e a crítica platônica da tirania* • *Jean Cocteau e a filha de Édipo* • *Las Antígonas de Espriu* • *Entre Sófocles y Anouilh: la Antígona y su nodriza en la refección de Memé Tabares* • *Antígona: nome de código – A peça em um ato de Mário Sacramento* • *Antígona e Medeia no conto “a Benfazeja”, de João Guimarães Rosa* • *Creonte, o tirano de Antígona. Sua recepção em Portugal* • *Uma Antígona diferente, em la Serata a Colono de Elsa Morante* • *Algunas Antígonas en España (s. XX)* • *Antígona entre muros, contra os muros de silêncio: Mito e História na recriação metateatral de José Martín Elizondo* • *Antígona: Norma*

ANTÍGONA

A ETERNA SEDUÇÃO DA FILHA DE ÉDIPO

ANDRÉS POCIÑA, AURORA LÓPEZ, CARLOS MORAIS
E MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA

COORDENAÇÃO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

e Transgressão, em Sófocles e em Hélia Correia
• *La Antígona en lengua asturiana* • *Antígona*

*Antígona entre muros, contra os muros
de silêncio:*
**Mito e História na recriação metateatral
de José Martín Elizondo**

*(Antigone inside the walls, against the walls of silence: Myth and history in the
metatheatrical recreation of José Martín Elizondo)*

Myth and history in the metatheatrical recreation of José Martín Elizondo)

Carlos Morais (cmorais@ua.pt)
Universidade de Aveiro

(Página deixada propositadamente em branco)

Antígona entre muros, *contra os muros de silêncio*:
Mito e História na recriação metateatral de José Martín Elizondo

RESUMO – Escrita em 1969, em Toulouse, durante o exílio do seu autor, José Martín Elizondo, *Antígona entre muros* viria a ser publicada apenas em 1988, ano em que a peça teve a sua estreia, no Festival de Teatro Clássico de Mérida e em que recebeu o I Prémio Internacional «Teatro Romano de Mérida». Num diálogo permanente entre os acontecimentos de um dia numa cela da Grécia dos coronéis, partilhada por dez presas políticas, e a representação descontínua e fragmentada da *Antígona* de Sófocles, este exercício de escrita metateatral, aproveitando toda a retórica de protesto do arquétipo grego, é um grito de revolta contra os muros de silêncio impostos pelos regimes ditatoriais, sejam eles o grego ou o espanhol, e simboliza a resistência coletiva dos que, na cela, na clandestinidade ou no exílio, lutam pela liberdade, contra a política autoritária e repressiva do regime franquista.

PALAVRAS-CHAVE: *Antígona*, Sófocles, Elizondo, metateatro, exílio, franquismo, ditadura dos coronéis.

ABSTRACT – Written in 1969, at Toulouse, during the exile of its author, José Martín Elizondo, *Antigone inside the walls* (*Antígona entre muros*) was only edited in 1988, when it was performed for the first time, in the Festival of Classical Theatre of Merida, winning the I International Prime “Roman Theatre of Merida”. In a permanent dialogue between the events during a day in prison, in Greece during the military government, with other ten political prisoners, and the discontinuous and fragmented representation of Sophocles’ *Antigone*, this exercise of metatheatrical style profits from all the rhetoric of protest of the Greek model. At the same time it is a cry of revolt against the walls of silence imposed by dictatorial regimes, would they be the Greek or the Spanish ones, and symbolizes the collective resistance of those who, in prison, in clandestinity or in exile, fight for freedom, against the authoritative and repressive policy of Franco’s regime.

KEYWORDS: Antigone, Elizondo, Sophocles, metatheater, exile, Franco’s regime, dictatorship of the coronels.

1. O mito de Antígona em Espanha: da guerra civil à ditadura franquista

A *Antígona* de Sófocles, pelo fascínio que tem exercido desde que foi produzida em Atenas, c. 441 a. C., é para muitos a obra de arte mais próxima da perfeição¹. Dotada de “ductilidade semântica”², mercê dos vários

¹ Sustentando esta opinião, Steiner 1995: 11 afirma que “a Antígona de Sófocles não é um ‘texto qualquer’. É um dos actos duradouros e canónicos no interior da história da nossa consciência filosófica, literária e política”.

² Ducroux & Urdician 2010: 13.

mitemas que a integram e que lhe concedem uma eterna atualidade e uma grande dinâmica recriadora, esta tragédia foi muitas vezes revisitada ao longo do século XX europeu, em momentos de crise, particularmente em Espanha, cuja história ficou marcada por uma sangrenta guerra civil (1936-1939) e por uma cruel ditadura de quatro décadas que se lhe seguiu (1939-1977)³.

Servindo-se da ‘máscara de Antígona’ para veicularem, de forma velada, questões sociais e políticas que, de outra forma, por causa do controlo apertado da censura, não poderiam ser abordadas, doze dramaturgos espanhóis (alguns, a partir do exílio) produziram, ao longo deste período, várias releituras deste mito grego⁴. Numa primeira fase, exploraram, do arquitexto sofocliano, sobretudo os mitemas da fraternidade e do amor com o objetivo de afirmarem o seu desejo de reconciliação, de perdão e de paz, depois da guerra fratricida que flagelou a Espanha em finais da década de trinta; e, numa segunda fase, centraram-se mais no mitema do protesto contra a decisão injusta e autoritária de Creonte, para sub-repticiamente expressarem a sua contestação à repressiva ditadura franquista, que calava as vozes dos muitos que se lhe opunham.⁵

Entre os dramaturgos deste segundo grupo está José Martín Elizondo. Nascido em Getxo (Vizcaya), a 26 de fevereiro de 1922, bem cedo foi para San Sebastián, terra de seus avós, que ficaram responsáveis pela sua educação, logo após a morte da sua mãe, quando tinha apenas um ano. A sua juventude, repartida por Navarra e Valência, cidade onde estudou Filosofia, ficou profundamente marcada pela guerra civil que obrigou o

³ Incluímos neste intervalo, o período de transição para a democracia, que se processou entre a morte de Franco (20 de novembro de 1975) e a realização das primeiras eleições democráticas (15 de junho de 1977).

⁴ Salvador Espriu, *Antígona* (1.^a: [1939] 1955; 2.^a: [1963-1964; 1967] 1969; sobre esta peça, vide Morais 2012: 325-328; José María Pemán, *Antígona* (1945); José Bergamín, *La sangre de Antígona* ([1955] 1983); Joan Povill i Adserà, *La tragèdia d' Antígona* (1961); Manuel Bayo, *Ahora en Tebas* (1963); Josep Muñoz i Pujol, *Antígona* (1965); María Zambrano, *La tumba de Antígona* (1967); Carlos de la Rica, *La razón de Antígona* ([1968] 1980; sobre esta recriação, vide Morais (2014) 97-108); José Martín Elizondo, *Antígona y los perros* (1969; esta peça veio a ter outros dois títulos: em 1980, *Antígona 80*; em 1988: *Antígona entre muros*); Alfonso Jiménez Romero, *Oración de Antígona* (1969); Xosé María Rodríguez, *Créon... Créon* (1975); e Manuel Lourenzo, *Traxicomedia do vento de Tebas namorado dunha forza* (1977). Para todas estas peças, vide Bañuls Oller & Crespo Alcalá 2008.

⁵ Sobre esta questão, vide Fraisse 1973: 18, que estabelece seis mitemas para a *Antígona* e dois para o *Édipo em Colono*; e ainda Morais 2001: 7-8.

seu pai ao exílio no México. Por razões políticas, o exílio acabaria por ser igualmente o seu destino. Em 1947, contava então 25 anos, atravessa clandestinamente a fronteira e instala-se em França, onde já se havia refugiado em 1937, durante a cruenta guerra civil. Nos primeiros anos de exílio, vive em campos de refugiados, na zona de Bordéus, e, para sobreviver, trabalha como estivador, na construção civil e nas minas, até conseguir um lugar de professor em Lille e, depois, em Toulouse, onde se fixa, após dez anos de errância por terras gaulesas, e onde viverá até à sua morte, a 17 de fevereiro de 2009.

Nesta cidade do sul de França, transformada em capital do exílio republicano espanhol, cria, em 1959, a Associação de Amigos do Teatro Espanhol (atualmente, “Théâtre sans Frontières”)⁶, que foi responsável pela encenação de muitas peças de autores censurados ou proibidos em Espanha⁷. Em paralelo, iniciou a sua intensa atividade de dramaturgo, escrevendo cerca de 50 peças, 17 das quais seriam encenadas⁸. Desta sua vasta produção, merece destaque *Antígona entre muros*, que recebeu, em 1988, o I Prémio Internacional “Teatro Romano de Mérida” e, em 1989, o “Prémio El Público”.⁹ Tendo por tema a história do seu tempo, esta obra traduz a sua oposição à ditadura e a todas as formas de opressão e reflete o seu sofrimento de exilado, que nunca deixou de amar o país que o viu nascer, aspeto particular que a aproxima das obras *La sangre de Antígona* (1955), de José Bergamín, e *La tumba de Antígona* (1967), de María Zambrano¹⁰.

⁶ A propósito do importante papel de Elizondo na criação do grupo de “Amigos del Teatro Español”, vide Aznar Soler 2009: 150-155.

⁷ Para Pujol 1999: 331-333, o anti-franquismo, independentemente da filiação partidária de cada um, é o denominador comum que congrega todos os elementos deste grupo, que encontraram no teatro a forma de afirmarem um vínculo afetivo e espiritual com a terra-mãe.

⁸ Para mais informações sobre a vida e obra de José Martín Elizondo, vide Pujol 2009: 156-166.

⁹ “Memoria de los Pozos” foi outra obra galardoada, tendo recebido, em 1979, o Prémio Santiago Rusiñol para melhor texto.

¹⁰ Como refere Ragué-Arias 2011: 362 e n.2, citando uma passagem da obra *Cómicos sin tierra*, Antígona, pelo seu carácter subversivo, é uma figura mítica importante na obra teatral de Elizondo.

2. *Antígona entre muros: pela liberdade e pela democracia*

Escrita em 1969, durante o exílio em Toulouse, com o título original *Antígona y los perros*, esta peça foi mudando de nome à medida que o autor a foi revisitando. Em 1980, passou a designar-se *Antígona 80* e, em 1988, *Antígona entre muros*, título adotado para a primeira publicação¹¹ e para a estreia da peça, a 7 de julho desse ano, no 34.º Festival Internacional de Teatro Clássico de Mérida¹², o mesmo certame que recebeu, três dias antes, a 4 de julho, o *Rei Édipo*, produzido pela Comuna, com encenação de João Mota e a participação especial de Hélia Correia, que disse alguns excertos em grego clássico. Nesta representação, com texto adaptado de uma tradução de Agostinho da Silva, participou igualmente Rita Salema, no papel de filha de Édipo¹³, atriz a quem Hélia dedicou, anos mais tarde, *Perdição. Exercício sobre Antígona*, uma das várias recriações portuguesas do mito de Antígona, a par das de António Sérgio, Júlio Dantas, António Pedro, João de Castro Osório, Mário Sacramento, Eduarda Dionísio e Armando Nascimento Rosa, peças incluídas na exposição que esteve patente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, entre os dias 25 de setembro e 31 de outubro de 2014¹⁴.

Estruturada em três atos, a trama da recriação de Elizondo decorre na Grécia, durante a ditadura dos coronéis (1967-1974), que coincide com os derradeiros anos da ditadura franquista. Não obstante esta localização no país que pela primeira vez assistiu à representação da *Antígona* de Sófocles, é inquestionável

¹¹ Elizondo, José Martín (1988), *Antígona entre muros*. Madrid: SGAE. Todas as citações do texto serão feitas a partir desta publicação.

¹² Com direção de María Ruiz, este era o elenco que subiu à cena do Teatro de Mérida, em 1988: Kiti Manver (Antígona), Mar Díez (Creón), Julieta Serrano (La Nodriza), Asunción Sánchez (Hemón), Begoña Valle (Tiresias), Mayrata O'Wisiedo (La Menoecce), Amparo Valle (Detenida A – La Delatora), Paloma Paso Jardiel (Detenida B), Marina Molano (Detenida C), Ana Gracia (Detenida D – La Nueva), Eva González (Detenida E), Yolanda Porras (Detenida F), Zulema Katz (La Guardiana), Ángel Mora (Jefe de Prisiones).

¹³ Sobre esta encenação, vide Fialho 1998: 73-74.

¹⁴ Inaugurada no primeiro dia do Congresso Internacional “Antígona – a eterna sedução da filha de Édipo”, esta exposição bibliográfica e documental, intitulada “Recriações de Antígona”, integrou mais de meia centena de obras inspiradas no arquétipo sofocliano, oriundas de Portugal (14), Espanha (22), França (11), Itália (3), Alemanha (7), Irlanda (2), Dinamarca (1), Argentina (5), Brasil (1), Colômbia (2), Porto Rico (1) e México (1), bem como edições antigas do original (5), estudos do mito (14), traduções do original para português (11) e ainda desenhos e fotografias das três encenações da *Antígona* de António Pedro, pelo Teatro Experimental do Porto (TEP). Sobre estas três encenações, vide Morais 1998: 59-62; e Morais 2004: 41-43.

que o autor pretendia, por paralelismo, evocar a situação política de repressão em Espanha e sublinhar, de forma velada, a sua posição face a questões sensíveis como a guerra fratricida, a censura, a pena de morte e o encarceramento, desamparamento e exílio dos opositores ao regime¹⁵. Isso mesmo é por ele destacado, num texto de abertura, intitulado “sobre mí Antígona”, que apresenta, em traços largos, o motivo da escrita da sua peça (13):

He vivido largos años entre víctimas de la opresión y, por lo tanto, este tema asoma con frecuencia en mis piezas teatrales. Nada ha de extrañar, pues, que un día cediese a la tentación de abordar una «Antígona». Mi vieja e joven heroína, al lado del abundante catálogo de las Antígonas..., ¿resulta española por estar escrita en esta lengua? ¿O vive y muere en la Grecia de los Coroneles donde se desarrolla la fábula? ¿Se hermana más bien con la poética que con la ética? Me ha quitado mucho sueño esta cavilación. Con todo, la heroína se ha ido abriendo camino en su cárcel de mujeres cara a los perros de Creonte. Dentro de esta cárcel trata de significar que los enfoques que se le pueden dar a la naturaleza del poder son muchos e inagotables y que en ello va suspendido el destino nuestro, sin olvidar que, consciente o inconscientemente, el poder, con bastante frecuencia, se las arregla para robar el fuego del terror y amenazarnos con él.

O microcosmo da ação é a cela de uma prisão feminina, onde 10 presas políticas representam, de memória e de forma fragmentada, a *Antígona* de Sófocles, num exercício de escrita metateatral (semelhante ao que encontramos em *La razón de Antígona*, de Carlos de la Rica¹⁶), que cruza o mito, através de subtis referências intertextuais ao arquétipo sofocliano, com a realidade política e as experiências pessoais das prisioneiras, vividas dentro e fora da cela. A transição, suave, num perfeito *continuum*, entre estes dois planos dramáticos, que recorrem a adequados e diferenciados registos de linguagem – elevado, para a representação; prosaico, para a vida na cela¹⁷ –,

¹⁵ A mesma estratégia de situar a ação na Grécia dos coroneís, para sub-repticiamente denunciar a ditadura franquista, será usada na peça *Pour la Grèce*, escrita em francês por Elizondo e estreada no teatro Daniel Sorano, em Toulouse, no ano de 1971. Vide Pujol 1999: 340.

¹⁶ Sobre esta questão, vide Morais 2014: 97-108.

¹⁷ Cf. Pujol 1999: 343. Para Azcue 2011: 351, e 2013: 157, esta bipartição de registos vai-se alterando ao longo da peça até à dissolução dos limites entre realidade e representação, a partir da segunda metade do Ato II.

é facilitada por um cenário minimalista que, assimilando técnicas brechtianas, incorpora a peça no vanguardismo teatral europeu¹⁸.

A estes dois níveis de representação correspondem, *grosso modo*, dois grupos de personagens que se distinguem, desde logo, pela forma como são designadas: o das prisioneiras que, não se identificando com o movimento de resistência à ditadura, observa a representação da peça sem nela se envolver; e o das reclusas comprometidas com a luta, que participa ativamente na recriação da tragédia. Em consonância com o seu grau de comprometimento, as primeiras recebem nomes genéricos (Prisioneira A, Prisioneira B, Prisioneira C) e as segundas, nomes das personagens gregas (Antígona, Creonte, Hémon, Tírsias, Ama e Meneceia, às quais devemos acrescentar “La Nueva”¹⁹). De fora deste esquema, com intervenções mínimas, ficam os dois guardas e seus cães, a guarda e o chefe das prisões, todos eles anónimos agentes da repressão ditatorial.

Relativamente às personagens do arquétipo, Elizondo elimina Ismena (representada, no seu não empenhamento, pelo conjunto das reclusas sem nome), e ainda Eurídice e o Mensageiro; e cria duas outras, ausentes do original: a Ama e Meneceia.

Começemos pelas personagens criadas pelo autor. Presente em algumas das recriações modernas de *Antígona*, a Ama, dotada de grande autoridade moral, representa a voz da experiência e assume-se como protetora da filha de Édipo, lamentando o destino que irá privar a jovem da luz, por se ter insurgido contra o édito de Creonte. Por sua vez, Meneceia, a mãe de Creonte, é uma mulher forte, com grande ascendente sobre o filho, que por ela é comandado, ao longo da peça, como se de uma marioneta se tratasse (44):

(La Menoecea le hace avanzar y retroceder. Créon tiene además de renuncia por cesar de seguir representando el papel. Cuando intenta quitarse la máscara, La Menoecea le retiene)

¹⁸ Bosch 1979: 10.

¹⁹ Ainda que, pelo nome, não se enquadre neste grupo, “La Nueva”, ao longo da peça, vai sofrer um significativo processo de transformação que a leva a passar, como refere Azcue 2013: 155, de um estado inicial de rejeição do exercício dramático à assimilação do discurso da tragédia de Antígona.

LA MENOECIA. (*Haciéndole accionar las manos como a una marioneta: la derecha alzada en signo de amenaza.*) Creón ruge si es que sigues perteneciendo a los de tu casta. Ahí tienes a Tiresias, no enmudezcas.

No rol das personagens importadas do original grego, duas coincidem *grosso modo* com o arquétipo, no que respeita à sua caracterização (Hémon e Antígona); e duas outras (Creonte e Tirésias) apresentam, como veremos, traços distintos que as adequam ao contexto da representação.

Autointitulando-se “el gran pacificador” (39), mas considerado pelos que se lhe opõem “el hijo de perra que fusila” (22) todos os adversários políticos, Creonte, o único que usa máscara, começa por ser o mesmo déspota que encontramos no modelo grego. Porém, à medida que a intriga avança, perde força e energia, sendo, como referimos já, completamente manietado pela vontade de sua mãe que assume o comando, a ponto de ser ela que responde ao seu neto, o revoltado Hémon, que se insurge, como no arquétipo, contra o édito injusto do pai. Com esta alteração na caracterização de Creonte, o autor certamente pretende sublinhar que a reclusa que interpreta a figura do déspota não se revê em tal papel, uma vez que a sua condição, na realidade, é a de vítima e não a de opositora. Por isso, não pretendendo prosseguir com a farsa, Creonte chega mesmo a fazer o gesto de lançar fora a máscara (44).

Tal como o de Creonte, também o desenho do cego Tirésias não coincide com o do modelo sofocliano. Mais do que adivinho, ele é um “hombre que se ha quedado sin raíces por vivir en el destierro” (29), um homem que sente mas não vê a sua pátria. Representando todos os exilados, identifica-se, assim, com o próprio autor (36)²⁰:

TIRESIAS. (*Alzando la voz.*)
Me sigues callada, patria,
golpeando las sienes,
arruinándome día a día
de sentirte y no verte.

Transportando as mesmas características do modelo grego, também o jovem Hémon e a nobre e piedosa Antígona se identificam com o pensamento do autor. Movido pelo amor, o primeiro desafia a autoridade do pai, por iniquamente ter condenado a sua amada, acabando por se suicidar,

²⁰ Cf. Ragué-Arias 1992: 71.

depois de a ver morta na caverna onde fora emparedada – um quadro que não é representado, mas apenas narrado, no Ato III (53), pela personagem “La Nueva”, que analisaremos mais à frente. Por seu turno, a jovem heroína é o paradigma do amor fraterno e da luta contra a injustiça e contra todas as formas de opressão, representadas pelo tirano e pelas guardas e seus cães. Persistente, procura ir mais além, até ao limite das suas forças, tendo por meta provocar uma brecha que rompa os muros de silêncio impostos pelo regime autocrático de Creonte, criptónimo de Franco, e permita a libertação de todos os que foram presos, como elas, por delito de opinião (30)²¹:

NODRIZA. – Pero, ¿adónde vamos? ¿Adónde vamos, Antígona?

ANTÍGONA. – ¡Más allá!

NODRIZA. – ¿Más allá? Cada vez me obligas a seguirte más lejos.

ANTÍGONA. – Vieja, ¿no quieres seguir buscando la brecha?

Se, no plano da representação, ambos se suicidam, no plano paralelo da ação quotidiana, as reclusas que os interpretam, após um protesto coletivo no cárcere, no final do Ato II, são levadas e executadas, por estarem fortemente implicadas na luta clandestina contra o regime ditatorial.

Morta Antígona, no preciso momento em que os dois planos se intersectam, o compromisso de prosseguir a luta é assumido pela personagem “La Nueva”, que representa a “figura da intelectual progressista”²². Depois de, no início da ação, ter começado por hostilizar as colegas de cela, menosprezando-as por entender que não estavam empenhadas na oposição ao regime ditatorial dos coronéis, vai-se integrando gradualmente no espírito do grupo, a ponto de as informar de que a luta clandestina prosseguia fora de muros. Ato contínuo, toma conhecimento de que também elas, apesar das suas origens humildes e da sua falta de instrução, estão implicadas na resistência à ditadura, contando, entre os seus familiares, desaparecidos, condenados ou presos políticos (27-28):

NUEVA. – [...] Fuera están..., ¿pero es que no lo sabéis? Están arriesgándolo todo. Mis hermanos, con el grupo de Anexágoras, en la barricada de la escuela del Norte.

²¹ Procurando esfriar o ímpeto da jovem, a Ama relembra que pouco importa fugir, uma vez que “el país entero es una prisión” (32).

²² Ragué-Arias 1992: 71.

NODRIZA. – (*Feroz de autoridad.*) ¿Y qué? (*Tono más dominado*) ¿Y qué? (*Pausa. Fría y objetivamente.*) Aquí hay quien ha perdido a su marido, ya hace mucho... y a quien se lo acaban de detener. (*Por la que interpreta La Menoecce*). Esa tiene a su cuñado con pena de muerte. Aquella (*por Antígona*) es la novia de Miceno... ¿Lo conoces? Incomunicado por salir elegido en las elecciones de septiembre. La otra... Bueno, para que decirte más. ¿Qué crees? ¿Qué estás entre las de delito común? La que más o la que menos, va acarreado lo suyo.

NUEVA. – (*Exaltada.*) Quiero decir que la lucha sigue, que ha de seguir...

Com esta partilha de informação, o seu envolvimento na causa coletiva vai-se intensificando de tal modo que, no último ato, assume o espírito combativo e resistente de Antígona que acabara de ser executada, bem como a sua força de esperança luminosa, numa atitude de firmeza perante os carrascos que encontra adesão nas restantes seis reclusas ainda em palco. Algo enigmáticas e perturbadas, porém bastante significativas, as palavras finais desta peça, que é deixada em aberto, sublinham, pela boca da Ama, estas qualidades – força e esperança – necessárias para resistir e prosseguir a luta (56):

NODRIZA. – A ver si recuerdo lo que decía Teseo... Queréis creerme, estoy perdiendo la memoria. Mala señal, vuestra Nodriza pierde la cabeza. No me acuerdo si era en los Infiernos o en el Laberinto... Algo decía Teseo sobre la fortaleza que tenemos que llevar dentro y también no se qué sobre la esperanza. (*Una pausa.*) ¡Buenas noches! Mañana, si me acuerdo, os diré lo que decía Teseo.

Operando a coletivização da heroína – Antígona, afinal, são todas as que lutam dentro e fora de muros –, a peça de Elizondo, ao contrário das anteriores recriações espanholas do mito, escritas depois de 1939, que evocam a guerra fratricida e a necessidade de reconciliação, centra-se, sobretudo, como sublinha a Ama, no destino dos que vivem e resistem a um regime ditatorial repressivo e que, por isso, são perseguidos, encarcerados e condenados à morte (41)²³:

²³ Sobre esta questão, vide Azcue 2011: 346-353, e Azcue 2013: 147-162.

NODRIZA. – [...] Tu hermano, Antígona, ya está muerto y en el libro de los muertos grabado su nombre. ¿Qué importa la prohibición del tirano privándole de sepultura? Mira más bien por los que aguardan condena, son legión.

Modelo de resistência e de oposição ao arbítrio do poder ditatorial, a tragédia *Antígona* é um “viejo simulacro” (29) que, entre muros, funciona como elemento congregador e identitário de todas as presas, que a usam ora como forma de terapia ora como linguagem codificada. De facto, a representação fragmentada da tragédia de Sófocles, naquela cela que representa todo um país enclausurado por muros de silêncio, tem uma função catártica, uma vez que serve como estímulo para manter a moral e para aliviar as tensões dentro da cela, como evidenciam esta intervenção da Ama e a didascália que a interpreta (29):

(Antígona se llega a ella y luego inclina una rodilla cerimoniosamente. La Nodriza le pone un chal negro sobre los hombros y le invita a que se levante. Las demás toman una serie de actitudes que dan a entender que, si reconstituyen la vieja tragedia, no es por hacer teatro o por celebrar algún rito, sino para utilizar el viejo simulacro como estimulante que les ayude a mantener la moral.)

NODRIZA. – (*Altisonante.*) ¡Que nos sirva de alivio el fingir la mueca de dolor que los antiguos grabaron en esta tierra de perdición!

Mas a linguagem da tragédia é igualmente um código, que tem como função ludibriar a feroz e apertada censura. Por saberem que entre elas existe uma delatora, as presas, na impossibilidade de poderem falar livremente, ora o usam, ora se remetem a um silêncio defensivo (28):

NODRIZA. – [...] ¿Has sabido del atentado contra el coronel que tú sabes? Pues puede que esté entre nosotras, o que estén entre nosotras las que tienen que ver mucho con ese asunto. ¿Comprendes? (*La Nueva la mira sin comprender.*) La que ha participado o las que han participado en el atentado contra el coronel. ¿No estás? (*La Nueva afirma.*) Lo que importa por el momento es que aquí, en esta celda, hay quien tiene mucho interés en conocer los nombres... ¿Difícil de entender? ¿Verdad que no? Por eso, por regla general, vale más no hablar de manera precisa de ése ni de otros asuntos.

Antígona entre muros, *contra os muros de silêncio:*
Mito e História na recriação metateatral de José Martín Elizondo

(*Pausa.*) Animos mujer. Y paciencia. La lucha sigue a pesar de nuestras simplezas.

De facto, este exercício de escrita metateatral, aproveitando toda a retórica de protesto do arquétipo grego, é um grito de revolta contra os muros de silêncio impostos pelos regimes ditatoriais, sejam eles o grego ou o espanhol, e simboliza a resistência coletiva dos que, sob o signo de Antígona, na cela, na clandestinidade ou no exílio, lutam pela liberdade e pela democracia, contra a política autoritária e repressiva do regime franquista.

Foi esta a luta que José Martín Elizondo empreendeu, a partir do exílio, servindo-se de peças codificadas, como *Antígona entre muros*, que abordam de forma velada a História através do Mito²⁴.

²⁴ Como afirma Azcue 2011: 369, “la Historia y el exilio han defenido su vida y su teatro, su lucha contra la opresión política a partir del teatro, del exilio forzado en que se vio obligado a vivir”.

Bibliografia

(Página deixada propositadamente em branco)

Edições e traduções de autores antigos

- Adam, J. (1963), *The Republic of Plato*. Edited with critical notes, commentary and appendices by James Adam. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press. [reimpr. 1965].
- Albini, U. (ed.) (2000), *Euripide. Fenicie*. Introduzione e traduzione di Albini, U., note di Barberis, F. Milano: Garzanti.
- Ameis, K.F. and Hentze, C. (eds.) (1906⁴), *Homers Ilias*, II/4. Leipzig-Berlin: Teubner.
- Antigona. Manual de Leitura* (2010). TNSJ.
- Argentieri, L. (2003), *Gli epigrammi degli Antipatri*. Bari: Levante.
- Beschi, L. and Musti, D. (eds.) (1982), *Pausania. Guida della Grecia*, Libro I. *Lattica*. Milano: Mondadori.
- Brown, A. (1987), *Sophocles: Antigone* ed. w. translation and notes. Warminster: Aris and Philips.
- Corno, D. del (1982), *Sofocle. Edipo Re. Edipo a Colono. Antigone*, a cura di Del Corno, D., traduzione di Cantarella, R. Milano: Mondadori.
- Dain, A., Mazon, P., Irigoien J. (1902), *Trachines et Antigone*. Texte établi et traduction par Dain, A., Mazon, P., revue et corrigée J. Irigoien, J. Paris: Les Belles Lettres.
- Errandonea, I. (1959), *Sófocles. Tragedias. Edipo rey, Edipo en Colono*. Texto revisado y traducido por Errandonea, I. Barcelona: Ediciones Alma Mater.
- Faranda Villa, G. (ed.) (1998), *Publio Papinio Stazio. Tebaide*, I-II. Milano: Rizzoli.
- Gibbons, R., Segal, C. (2003), *Sophocles Antigone*. Oxford: Oxford University Press.
- Grégoire, H., Méridier, L., Chapouthier, F. (eds.) (2002), *Euripide. Tragédies*, Tome V, *Hélène-Les Phœniciennes*. Paris: Les Belles Lettres.
- Griffith, M. (2012), *Sophocles. Antigone*. Cambridge: University Press.
- Henderson, J. (2000), *Aristophanes. Birds. Lysistrata. Women at Themophoria*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Jebb, R. (1962), *Sophocles. The plays and Fragments. Antigone*. With critical notes, commentary and translation in english prose. 3.ed. Amsterdam: Adolf M. Hakkert Publisher.
- Joyal, M. (2000), *The platonic Theages*. An introduction, commentary, and critical edition. Stuttgart: Steiner.
- Kamerbeek J. C. (1978), *The Plays of Sophocles. Commentaries. III The Antigone*. Leiden, Brill.
- Kenney, E. J. (2011), *Ovidio. Metamorfosi*. Milano: Mondadori.
- Lloyd-Jones, H., Wilson, N. G. (1990), *Sophocles, Fabulae*. Oxford: Oxford University Press.
- Mastromarco, G. (ed.) (1983), *Commedie di Aristofane*. Torino: Utet.
- Mastronarde, D.J. (1994), *Euripides: Phoenissae*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Mazon, P. (reimpr. 1967), *Sophocles. Les trachiniennes, Antigone, Ajax, Oedipe Roi*. Paris: Les Belles Lettres.
- Medda, E. (ed.) (2006), Eurípide. *Le Fenicie*. Milano: Rizzoli.
- Melro, F. (2000), *Sófocles. Antígona*. Introdução, tradução e notas. Mem Martins: Inquérito.
- Pearson, A. C. (1963), *The Fragments of Sophocles*. Edited with additional notes from the papers of Jebb, R. C., Headlam, W. G. Amsterdam: Adolf M. Hakkert Publisher.
- Powell, J. U. (1911), *The Phoenissae of Euripides*. London: Constable & Co.
- Rocha Pereira, M. H. (2013), Eurípides, *Medeia*. Trad. port. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Rocha Pereira, M. H. (2010), *Platão. A República*. Introdução, tradução e notas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rocha Pereira, M. H. (2010), *Sófocles. Antígona*. Trad. port. Lisboa: Gulbenkian.
- Rocha Pereira, M. H., Ferreira, J. R., Fialho, M. C. (2013), *Sófocles. Tragédias*. Coimbra: Minerva.
- Souillé, Joseph (1930), *Platon. Théagès*, in *Platon. Oeuvres Complètes*. Paris: Les Belles Lettres.
- Schüler, D. (2006), *Sófocles. Antígona*. Introdução, tradução e notas. Porto Alegre: LP&M.
- Várzeas, M. (2011), *Sófocles. Antígona*. Prefácio, tradução e notas. Vila Nova Famalicão: Húmus.

Reescritas de temas clássicos

- Anouilh, J. (reimpr.1946), *Antigone*. Paris. La Table Ronde.
- Anouilh, J. (1961), *Teatro*. Trad. Bernárdez, A. Buenos Aires: Losada.
- Anouilh, J. (1998), *Antigone*. Paris. **editor**
- Bauchau, H. (1997), *Antigone*. Arles : Actes Sud.
- Bachau, H. (1999), *Journal d'Antigone (1989-1997)*. Arles : Actes Sud.
- Bachau, H. (2009), *La lumière Antigone*, poème pour le livret d'opéra de Pierre Bartholomé. Arles: Actes Sud.
- Cocteau, J. (1948), *Antigone*. Paris: Gallimard.
- Cocteau, J. (1992), *La machine infernale*. Paris: Livre de poche.
- Colom, G. (1935), *Antígona. Poema dramàtic*. Barcelona: Barcino.
- Correia, H. (2006), *Perdição. Exercício sobre Antígona*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Dantas, J. (1946), *Antígona. Peça em 5 actos, inspirada na obra dos poetas trágicos gregos e, em especial, na Antígona de Sófocles*. Lisboa: Bertrand.

- Du Chaxel, F. (2012), *C'est là qu'un jour...*, in *La vie, je l'agrandis avec mon stylo. L'engagement : écrits de jeunes et réflexions*. Paris, Ed. Théâtrales: 90-94.
- Espriu, S. (1955), *Antígona*. Palma de Mallorca: Ed. Moll.
- Espriu, S. (1969), *Antígona*. Barcelona: Edicions 62.
- Espriu, S. (1981), *Les roques i el mar: el blau*. Barcelona: El Mall.
- Hölderlin, F. (1804), “Antigonä”, seguido de “Anmerkungen zur Antigonä”, in Knaupp, M. (1992), *Friederich Hölderlin. Sämtliche Werke und Briefe. Band II* (edição). München, Carl Hanser: 317-76.
- Kierkegaard, S. (1942), *Antígona*. Trad. esp. de Albert, J. G. México : Seneca.
- Martín Elizondo, J. (1988), *Antígona entre muros*. Madrid: SGAE. [também publicado em *Primer Acto* 329 (2009) 169-190].
- Morante, E. (1968, reimpr.1995), *Il mondo salvato dai ragazzini e altri poemi*. Torino: Einaudi.
- Morante, E. (1976), *Algo en la historia*. Trad. de Moreno, J. Barcelona: Plaza y Janés.
- Morante, E. (1984), *Araceli*. Trad. Sánchez Gijón, A. Barcelona: Editorial Bruguera.
- Morante, E. (1992), *La Historia*. Trad. de Benítez, E. Barcelona: Círculo de Lectores.
- Morante, E. (1969), *La isla de Arturo*. Trad. de Guasta, E. Barcelona: Editorial Bruguera.
- Morante, Elsa (1995), *La soirée à Colone*, in *Le monde sauvé par les gamins*. Paris, Gallimard: 51-130.
- Morante, E. (2013), *La serata a Colono*. Torino: Einaudi.
- Morante, E. (2012), *Mentira y sortilegio*. Trad. de Ciurans Ferrándiz, A. Barcelona: Lumen.
- Morante, E. (1987), “Sul romanzo” (opiniões de 1959), *Pro o contro la bomba atomica e altri scritti*, a cura di Garboli. C. Milano, Adelphi: 41-73.
- Pedro, A. (1981), *Teatro Completo*. Lisboa, INCM: 255-330.
- Rosa, G. (1994), *A benfazeja*, in *Ficção completa*. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Sacramento, M. (1958), “Antígona – peça em um acto”. *Vértice* 182, vol. XVIII: 604-610.
- Sacramento, Mário (1959), *Teatro Anatómico*. Coimbra: Atlântida Editora.
- Sacramento, M. (1974), *Ensaio de Domingo – III*. Porto: Editorial Inova.
- Uceda, J. (2002), *En el viento, hacia el mar (1959-2002)*, Edición de Pujol Russell, S., Sevilla: Fundación José Manuel Lara.
- Uceda, J. (2013), *Escritos en la corteza de los árboles*. Sevilla: Fundación José Manuel Lara.
- Uceda, J. (1991), *Poesía*. Edición de Peñas Bermejo, F. J. Ferrol: Esquíu.
- Uceda, J. (1966), *Sin mucha esperanza*. Madrid: Ediciones Ágora.
- Yourcenar, M. (1974), *Feux*. Paris: Éditions Gallimard.

- Yourcenar, M. (2009), *Fuegos*. Trad. Calatayud, E. Madrid: Santillana.
- Yourcenar, M. (1995), *Lettres à ses amies et quelques autres*. Paris: Gallimard.
- Zambrano, M. (1967), *La tumba de Antígona*. México: Siglo XXI.
- Zambrano, M. (1967), "La tumba de Antígona", *Revista de Occidente* 54: 273-293.
- Zambrano, M. (2012), *La tumba de Antígona y otros textos sobre el personaje trágico*. Edición de Trueba Mira, V. Madrid: Cátedra.

Estudios

- Adams, S. M. (1955), "The *Antigone* of Sophocles", *Phoenix* 9: 47-62.
- Aguiar e Silva, V. M. (1986), *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina.
- Álvarez, Llano, Á. (ed.) (1994), *Antología del cuento asturiano contemporáneo*. Mieres: Editora del Norte.
- Aranguren, J. L. (2009), "En el estreno de *Antígona entre muros*. Antígona y democracia", *Primer Acto* 329: 145-149.
- Arguelles, J. L. (ed.) (2010), *Toma de terra. Poetas en lengua asturiana. Antología 1975-2010*. Gijón: Trea.
- Azcue, V. (2009), "Antígona en el teatro español contemporáneo", *Acotaciones* 23: 33-46.
- Azcue, V. (2011), "Heroísmo colectivo y defensa de los vivos en *Antígona entre muros* de José Martín Elizondo", in Aznar Soler, M., López García, J. R. (eds.): 346-353.
- Azcue, V. (2013), "From the Tomb to the Prison Cell: José Martín Elizondo's *Antígona entre muros*", in Duprey, J. (ed.): 147-162.
- Aznar Soler, M. (ed.) (1999), *El exilio teatral republicano de 1939*. Sant Cugat del Vallès: Associació d'Idees/GEXEL.
- Aznar Soler, M. (2009), "José Martín Elizondo en Toulouse. La creación del grupo 'Amigos del Teatro Español'", *Primer Acto* 329: 150-155.
- Aznar Soler, M., López García, J. R. (eds.) (2011), *El exilio republicano de 1939 y la segunda generación*. Sevilla: Editorial Renacimiento.
- Bachelard, G. (2006), *La poetica dello spazio*, a cura di E. Catalano. Bari: Fratelli Laterza (1957, *La poétique de l'espace*. Paris).
- Bañuls J. V. (1999), "La imposible disuasión del héroe trágico" in Álvarez, M. C., Iglesias Montiel, R. M. (eds.) (1999), *Contemporaneidad de los clásicos en el umbral del tercer milenio*. Murcia, Universidad de Murcia: 543-551.

- Bañuls Oller, J. Vte. & Morenilla, C. (2008), “Antígona, viva a través de tiempos y culturas”, *Debats* 101/3: 73-87.
- Bañuls Oller, J. Vte. & Crespo Alcalá, P. (2008), *Antígona(s): Mito y personaje. Un recorrido desde los orígenes*. Bari: Levante Editori.
- Bañuls J. V., Morenilla C. (2008), “Rasgos esquizoicos en la caracterización de algunos personajes sofocleos”, *CFC (G)* 18: 73-87.
- Barata, J. O. (1991), *História do Teatro Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bartoloni, G. and Michetti L. M. (eds.) (2013), *Mura di legno, mura di terra, mura di pietra: fortificazioni nel Mediterraneo antico. Atti del Convegno Internazionale Sapienza Università di Roma, 7-9 maggio 2012, Scienze dell'Antichità* 19, 2/3. Roma: Quasar.
- Belardinelli, A. M., Greco, G. (eds.) (2010), *Antigone e le Antigoni: storia forme fortuna di un mito*. Milano: Mondadori Education.
- Berenguer, A. (2007), “Antígona. Un arquetipo de mujer”, *Antígona* 1: 11-18.
- Bianchi, L., Nostro, S. (2013), “*La serata a Colono* di Elsa Morante. Regia di Mario Martone (Piccolo Teatro Grassi di Milano, stagione 2012/2013)”, www.piccoloteatro.org/play/show/2012-2013/la-serata-a-colono.
- Bignotto, N. (1998), “O tirano clássico”, in *O tirano e a cidade*. São Paulo, Discurso Editorial: 85-103.
- Blundell, M. W. (1989), *Helping friends and harming enemies: a study in Sophocles and greek and ethics*. Cambridge, Cambridge University Press: 106-148.
- Bodeüs, R. (1984), “L'habile et le juste de l'Antigone de Sophocle au Protagoras de Platon”, *Mnemosyne* 37: -271-290.
- Bolado García, X. (2002), “El Surdimientu. El teatru”, in Ramos Corrada, M. (ed.), *Historia de la Literatura Asturiana*. Uviéu, Academia de la Lingua Asturiana: 695-715.
- Bonazzi, M. (2010), «Antigone contro il sofista», in Costazza, A., *La filosofia a teatro*. Milano, Cisalpino, Istituto Editoriale Universitario: 205-222.
- Bosch Juan, M. C. (1979), *Antígona en la literatura Moderna*. Barcelona: Ediciones de la Universidad de Barcelona / Secretariado de Publicaciones, Intercambio Científico y Extensión Universitaria (síntese da tese de doutoramento).
- Bosch Juan, M. C. (1980), “Les nostres Antigones”, *Faventia* 2: 93-111.
- Bosch Mateu, M. (2010), “El mito de Antígona en el teatro español exiliado”, *Acotaciones* 24, enero-junio: 83-104.
- Bosi, A. (2003), *Céu, inferno*. São Paulo, Duas Cidades: Editora 34.
- Bowra, C. M. (1965), *Sophoclean tragedy*. Oxford: Clarendon Press.

- Brasete, M. F. (2011), "Sobre Antígona, um "ensaio dramático" de Mário Sacramento", in Ferreira 2011: 61-71.
- Bremond, M. (2005), "Femmes mythiques chez Yourcenar", in Ledesma Pedraz, M., Poignaut, R. (eds.), *Marguerite Yourcenar. La femme, les femmes, une écriture - femme?*, Actes du Colloque Intern. Baeza (Jaén) 19-23 de Noviembre de 2002. Clermont-Ferrand, SIEY: 219-232.
- Brescia, G. (1997), *La scalata del Ligure. Saggio di commento a Sallustio, Bellum Iugurthinum 92. 94*. Bari: Edipuglia.
- Bryan-Brown, A. N. (ed.) (1968), *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford University Press.
- Burgess, D. (1987), "The Authenticity of the Teichoscopia of Euripides's *Phoenissae*", *CJ* 83: 103-113.
- Burnyeat, M. F. (2004), "Fathers and sons in Plato's *Republic* and *Philebus*", *Classical Quarterly* 54: 80-87.
- Calder, W. M. (1968), "Sophokles political tragedy, *Antigone*", *GRBS* 9: 389-407.
- Camacho Rojo, J. M. (2004), *La Tradición Clásica en las Literaturas Iberoamericanas del siglo XX: Bibliografía analítica*. Granada: Universidad de Granada.
- Camacho Rojo, J. M. (2012), "Recreaciones del mito de Antígona en el teatro del exilio español de 1939. I: María Zambrano, *La tumba de Antígona*", in Muñoz Martín, M. N., Sánchez Marín, J. A. (eds.): 15-40.
- Candido, A. (2006), *Literatura e cultura de 1900 a 1945*, in *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.
- Caroli, M. (2012), "Erodoto VI 21, 2. Una censura teatrale e 'libreria'?", *A&R* 6: 157-179.
- Carrara, P. (1994a), "Sull'inizio delle 'Fenicie' di Euripide", *ZPE* 102: 43-51.
- Carrara, P. (1994b) "L'Inno a Helios di Elio Nicome e l'inizio delle 'Fenicie' di Euripide", *Eirene* 30: 37-41.
- Cartoni, F. (2006), "Introducción" a *Elsa Morante, El chal andaluz*, Ed. de Cartoni, F. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Castellaneta, S. (2013), *Il seno svelato ad misericordiam. Egesi e fortuna di un'immagine poetica*. Bari: Cacucci.
- Castellet, J. M^a (1965), "Breve introducción a la obra de Salvador Espriu", *Primer Acto* 60: 6-8.
- Castillo, J. (1983), "La Antígona de María Zambrano", *Litoral* 121-123: 9-15.
- Catroga, F. (2001), *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Almedina.
- Ceracchini, S. (2011), "Le chiavi nascoste ne *La commedia chimica* di Elsa Morante", in *Elisse: studi storici di letteratura italiana* 6: 211-216.

- Cerezo Magán, M. (2011), "Pedro Montengón, jesuita y literato alicantino del siglo XVIII: su impronta clásica", *Nova Tellus* 29/1: 175-225.
- Chanter, T., Kirkland, S. D. (eds.) (2014), *The Returns of Antigone. Interdisciplinary Essays*. New York: SUNY Press.
- Chikiar Bauer, I. (2012), *Virginia Woolf. La vida por escrito*. Buenos Aires: Taurus.
- Cipriani, G. (1986), *Cesare e la retorica dell'assedio*. Amsterdam: J.C. Gieben.
- Conradie P. J. (1959), "The 'Antigone' of Sophocles and Anouilh. A Comparison", *Acta Classica*: 11-26.
- Cooper, D. (1967), *Picasso et le Théâtre*. Paris: Cercle d'Art.
- Cornford, F. M. (1907), "Elpis and Eros", *Classical Review* 21: 228-232.
- Couloubaritsis, L., Ost, J.-F. (eds.) (2004), *Antigone et la Résistance Civile*. Bruxelles: Les Éditions Ousia.
- Crane, G. (1989), "Creon and the 'Ode to Men' in Sophocles *Antigone*", *Harvard Studies in Classical Philology* 92: 103-116.
- Curnis, M. (2002), "Cenni figurativi tra parola e immagine. Forme della percezione visiva in Eur. *Phoe*. 99-155", *Quaderni del Dipartimento di Filologia Linguistica e Classica «Augusto Rostagni»* n.s. 1: 99-120.
- Curnis, M. (2004), "Addendum euripideum alla teicoscopia di *Phoe*. 99-155: Demetrio Triclinio ed esegesi metrica bizantina", *MEG* 4: 101-108.
- D'Angeli, C. (1993), "La presenza di Simone Weil ne *La Storia*", in AA. VV., *Atti del Convegno 'Per Elsa Morante' (Parigi 15-16 gennaio 1993)*. Milano, Linea d'Ombra editore: 109-135.
- De Martino, F. (1958), *Morte e pianto rituale nel mondo antico. Dal lamento pagano al pianto di Maria*. Torino: Einaudi.
- De Martino, F. (2001), "Generi di donne", in De Martino, F., Morenilla, C. (eds.), *El fil d'Ariadna*. Bari, Levante: 107-182.
- De Martino, F. (2002), "Donne da copertina", in De Martino, F., Morenilla, C. (eds.), *El perfil de les ombres*. Bari, Levante: 111-186.
- De Martino, F. (2013a), "Ekphrasis & pubblicità", in Marino, S., Stavru, A. (eds.), *Ekphrasis (= Estetica. Studi e ricerche 1)*: 9-22.
- De Martino, F. (2013b), "Ekphrasis e teatro tragico", in Quijada Sagredo, M. and Encinas Reguero, M. C. (eds.), *Retórica y discurso en el teatro griego*. Madrid, Ediciones Clásicas: 193-224.
- De Martino, F. (2013c), "Tra narrare e descrivere", in Ponzio, A. (ed.), *Figure e forme del narrare. Incontri di prospettive*. Lecce, Milella: 130-143.

- De Martino, F. (2014), “L’*ekphrasis* dello stupro: da Achille Tazio a Franca Rame”, in Cerrato, D., Collufo, C., Cosco, S., Martin Calvijo M. (eds.), *Estupro. Mitos antiguos & violencia moderna. Homenaje a Franca Rame*. Sevilla, ArCibel: 205-223.
- De Martino (2015) = F. De Martino, “«Lenticchie e legumi»: l’*ekphrasis* negli storici greci”, *Veleia* (cds).
- Deppman J. (2012), “Jean Anouilh’s *Antigone*”, in Ormand, K. (ed.), *A Companion to Sophocles*. Oxford, University Press: 523-537.
- Di Benedetto, V., Medda, E. (1997), *La tragedia sulla scena. La tragedia greca in quanto spettacolo teatrale*. Torino: Einaudi.
- Donzelli, E. (2007), “Edipo salvato da Antigone. *La serata a Colono* di Elsa Morante”, in Cappellini, K., Geri, L. (eds.), *Il mito nel testo. Gli antichi e la Bibbia nella letteratura italiana*. Roma, Bulzoni: 191-200.
- Duprey, J. (ed.) (2013), “Whose Voice Is This? Iberian and Latin American Antigones”, *Hispanic Issues On Line* (Fall 2013): 147-162.
- Duroux, R., Urdician, S. (eds.) (2010), *Les Antigones contemporaines (de 1945 à nos jours)*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal.
- Duroux, R., Urdician, S. (jun. 2012), « Cuando dialogan dos Antígona. *La tumba de Antígona* de María Zambrano y *Antígona furiosa* de Griselda Gambaro», *Olivar* 13, n.º 17, La Plata. Versión on-line <http://www.scielo.org.ar/cgi-bin/wxis.exe/iah/>
- Ercolani, A. (2000), *Il passaggio di parola sulla scena tragica. Didascalie interne e struttura delle rhesis*. Stuttgart-Weimar: Metzler.
- Ercoles, M. and Fiorentini, L. (2011), “Giocasta tra Stesicoro (PMGF 222(b) ed Euripide (Fenicie)”, *ZPE* 179: 21-34.
- Ferrari, F. (1996), *Introduzione al teatro greco*. Milano: Sansoni.
- Ferreira, A. M. (2011), *Volta a Ler 4 - Mário Sacramento*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Fialho, M. C. (1991), “A *Antígona* de Jean Cocteau”, *Biblos* 67: 125-152.
- Fialho, M. C. (1992), *Luz e Trevas no Teatro de Sófocles*. Coimbra: Universidade.
- Fialho, M. C. (1998), “Sófocles, *Rei Édipo*”, in Silva, M. F. (ed.): 73-74. -Flashar, H. (2000), *Sophokles. Dichter im demokratischen Athen*. München: C. H. Beck.
- Fialho, M. C. (2001), “A *Antígona* de Júlio Dantas”, in Morais, C. (ed.), *Máscaras Portuguesas de Antígona*. Aveiro, Universidade de Aveiro: 71-84.
- Fialho, M. C. (2006), “O mito clássico no teatro de Hélia Correia ou o cansaço da tradição”, in Silva 2006: 47-59.
- Fiorentini, L. (2006/2008), *Studi sul commediografo Strattide*. Tesi dottorato, Università di Ferrara.

- Fiorentini, L. (2010), "Elementi paratragici nelle *Fenicie* di Strattide", *DEM* 1: 52-68.
- Flashar, H. (2000), *Sophokles. Dichter im demokratischen Athen*. München: C. H. Beck.
- Fornaro, S. (1992), *Glauco e Diomede. Lettura di Iliade VI 119-236*. Venosa: Osanna.
- Fraisse, S. (1974), *Le mythe d'Antigone*. Paris: Armand Colin.
- Fucecchi, M. (1997), *La teichoscopia e l'innamoramento di Medea. Saggio di commento a Valerio Flacco «Argonautiche» 6, 427-760*. Pisa: ETS.
- Funaioli M.P. (2011), "Il pedagogo sulla scena greca", *DEM* 21: 76-87.
- Fusillo, M. (1995), "'Credo nelle chiacchiere dei barbari'. Il tema della barbarie in Elsa Morante e in Pier Paolo Pasolini", in C. D'Angeli, C., Magrini, G. (eds.), *Vent'anni dopo La Storia. Omaggio a Elsa Morante*. Pisa, Giardini: 97-129.
- Gallavotti, C. (1969), "Tracce delle poetica di Aristotele negli scoli omerici", *Maia* 21: 203-208.
- Galvão, W. N. (2000), *Guimarães Rosa*. São Paulo: Publifolha.
- García Sola M. C. (2009), "La otra Antígona de Jean Anouilh", in López, A., Pociña, A. (eds.), *En recuerdo de Beatriz Rabaza: comedias, tragedias y leyendas grecorromanas*. Granada, Universidad de Granada: 251-264.
- Genette, G. (1989), *Palimpsestos. La literatura en segundo grado*, trad. de Fernández Prieto, C. Madrid: Taurus.
- Gil, I. C. (2007), *Mitografias. Figurações de Antígona, Cassandra e Medeia no drama de expressão alemã do século XX*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Gil, L. (1962), "Antígona o la *areté* política. Dos enfoques: Sófocles y Anouilh", *Anuario de letras*, accesible online <http://www.revistas.unam.mx/index.php/ral/article/view/38416/0> con acceso en diciembre de 2014.
- Goesch, K. (1955), *Raymond Radiguet*. Paris: La Palatine.
- Goff, B., Simpson, M. (2007), *Crossroads in The Black Aegean, Oedipus, Antigone, and Dramas of the African Diaspora*. Oxford: Oxford University Press.
- Goldhill, S., Osborne, R. (1999), *Performance culture and Athenian democracy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Goldhill, S. (2007), *How to Stage Greek Tragedy Today*. London: Univ. of Chicago Press.
- Gómez García, M. (1997), *Diccionario del teatro*, Tres Cantos: Ediciones Akal.
- González Delgado, R. (2012), *Canta, musa, en lengua asturiana. Estudios de traducción y tradición clásica*. Saarbrücken: EAE.
- González-Fierro, F., Yéschenko, A. (eds.) (2000), *Antoloxía poética asturiana (1639-2000) = Antología asturiano poezii (1639-2000)*. Xixón: Coleutivu Manuel Fernández de Castro.

- Green, J. R. (1999), "Tragedy and the spectacle of the mind. Messenger Speeches, Actors, Narrative and Audience Imagination in Fourth Century BCE Vase-Painting", in Bergmann, B., Kondoleon, C. (eds.) (1999), *The Art of Ancient Spectacle*. Washington, Yale University Press: 37-63.
- Gubert, S. (1965), "Entrevista con Salvador Espriu", *Primer Acto* 60: 13-17.
- Guénoun, D. (1997), *Le théâtre est-il nécessaire ?*. Paris : Circé.
- Guérin J. (2010), "Pour une lecture politique de *l'Antigone* de Jean Anouilh", *Études Littéraires*, 1: 93-104.
- Guicharnaud, J. (1969), *Modern French Theatre from Giraudoux to Genet*. New Haven: Yale University Press.
- Hamburger, K. (1968), *Von Sophokles zu Sartre. Griechische Dramenfigurenantik und modern*. Stuttgart: Kohlhammer.
- Hathorn, R. Y., "Sophocles' *Antigone*: Eros in Politics", *Classical Journal* 54: 109-115.
- Hester, D. A. (1971), "Sophocles the unphilosophical. A study in the *Antigone*", *Mnemosyne* 24: 11-59.
- Howatson, M. C. (ed.) (1991), *Diccionario de la Literatura Clásica*. Trad. Ávila, C. M. et al. Madrid: Alianza Editorial.
- Hualde Pascual, P., Sanz Morales, M. (2008), *La literatura griega y su tradición*. Madrid: Ediciones Akal.
- Iglesias, A. (2005), "La aurora de *Antígona*", in AA. VV., *El tiempo luz. Homenaje a María Zambrano*. Córdoba, Diputación: 17-32.
- Iñiguez, M. (2001), *Esbozo de una enciclopedia histórica del anarquismo español*. Madrid: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo.
- Jabouille, V. et al. (2000), *Estudios sobre Antigona*. Mem Martins: Inquérito.
- Jiménez Jiménez, J. et al. (1978), *Cuatro puntos teatrales. Teatro breve*. Bilbao: El Paisaje.
- Johnson, R. (1997), "María Zambrano as *Antigone's* sister: towards an ethical aesthetics possibility", *ALEC* 22: 181-194.
- Kautz, H. R. (1970), *Dichtung und Kunst in der Theorie Jean Cocteau's*. Heidelberg: Buchbeschreibung.
- Khim, J. J. (1960), *Cocteau*. Paris: Gallimard.
- Kirkwood, G. M. (1958), *A study of Sophoclean drama*. Ithaca, New York: Cornell University Press.
- Kitzinger, M. R. (2008), *The Choruses of Sophocles' Antigone and Philoktetes*. Leiden, Brill: 11-70.
- Knox, B. M. W. (1964), *The heroic temper: studies in sophoclean tragedy*. Los Angeles, Bekerley, Cambridge: University of California Press, Cambridge University Press.

- Korneeva, T. (2011), *Alter et ipse: identità e duplicità nel sistema dei personaggi della Tebaide di Stazio*. Pisa: ETS.
- Lamo de Espinosa, E. (ed.) (1995), *Culturas, estados, ciudadanos. Una aproximación al multiculturalismo en Europa*. Madrid: Ediciones Nobel.
- Lausberg, H. (1966), *Manual de retórica literaria. Fundamentos de una ciencia de la literatura*. Versão esp. Pérez Riesco, J. Madrid: Editorial Gredos.
- Lázaro Paniagua, A. (2012), “La Antígona de María Zambrano o el oficio de la piedad”, in López, A., Pociña, A., Silva, M. F. (eds.), *De ayer a hoy: influencias clásicas en la literatura*. Coimbra, IUC: 253-259.
- Leccese, J. (2013), “‘Antigone’ di Elsa Morante – in ‘Serata a Colono’”, <http://donnarte.wordpress.com/2013/08/01/antigone-di-elsa-morante-in-serata-a-colono>.
- Lehmann, J. (1995), *Virginia Woolf*. Trad. de Conde Fisas, C. Barcelona: Salvat Editores.
- Lentini, G. (2013), “Tra *teikhosopia* e *teikhomachia*: a proposito delle mura dell’*Iliade*”, in Bartoloni-Michetti 2013: 187-195.
- Lesky, A. (1966), *La tragedia griega*. Trad. de Godó Costa, J. Barcelona: Editorial Labor.
- Librán Moreno, M. (2005), *Lonjas del banquete de Homero. Convenciones dramáticas en la tragedia temprana de Esquilo*. Huelva: Servicio de Publicaciones Universidad de Huelva.
- Llinares, J. B. (2001), “Noves interpretacions d’Antígona en la filosofia del segle XX”, in De Martino, F., C. Morenilla, C. (eds.), *El fil d’Ariadna*. Bari, Levante Editori: 217-234.
- Lloyd-Jones, H. (1966), “Problems of early Greek tragedy: Pratinas and Phrynichus”, *Cuadernos de la Fundación Pastor* 13: 11-33.
- López, A., Pociña, A. (2010), “La eterna pervivencia de Antígona”, *Florentia Iliberritana* 21: 345-370.
- López, A., Pociña, A., Silva, M. F. (eds.) (2012), *De ayer a hoy: influencias clásicas en la literatura*. Coimbra: CECHC.
- López Gradoli, A. (ed.) (2007), *Poesía visual española (antología incompleta)*. Madrid: Calambur.
- Loureiro, J. (2012), “A solidão egoísta de Antígona, ou A acção parcial. Problemas teológicos e políticos na *Antígona* de Sófocles”, in Lopes, M. J. et al. (eds.), *Narrativas do poder feminino*. Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, UCP: 127-135.
- Lovatt, H.V. (2006), “The Female Gaze in Flavian Epic. Looking out from the Walls in Valerius Flaccus and Statius”, in Nauta, R. R., van Dam, H. J., Smolenaars, J. J. L. (eds.), *Flavian Poetry*. Leiden-Boston, Brill: 59-79.
- Mariño Davila, E. (2003), “Un experimentu lliterariu de nel Amaro: *Novela ensin titulu* (1991)”, *Lletres Asturienes* 82: 79-93.

- Mastromarco, G. (2012), “Erodoto e la *Presa di Mileto* di Frinico”, in Bastianini, G., Lapini, W., Tulli, M. eds., *Harmonia. Scritti di filologia classica in onore di Angelo Casanova*, Firenze, Firenze University Press: 483-494.
- Malé, J. (2007), “‘Car hem après que l’ amor vence la mort’. L’amor en els mites femenins de Salvador Espriu”, in Malé, J. & Miralles, E. (eds.), *Mites Clàssics en la literatura catalana moderna i contemporània*. Barcelona, Universitat de Barcelona: 123-145.
- Martín Elizondo, J. (1988), “Sobre mi ‘Antígona’”, in Martín Elizondo, J., *Antígona entre muros*. Madrid, SGAE: 13.
- Mastrorarde, D. J. (1990), “Actors on High. The Skene Roof, the Crane, and the Gods in Attic Drama”, *CA* 9: 247-294.
- Mattioli, U. **desdobrar as iniciais para o índice** (ed.) (1995), *Senectus: la vecchiaia nel mondo classico – vol. I: Grecia*. Bolonha: **editor**
- Medda, E. (2005), “Il coro straniato: considerazioni sulla voce corale nelle ‘Fenicie’ di Euripide”, *Prometheus* 31: 119-131.
- Mee, E. B., Foley, H. P. (2011), *Antigone on the Contemporary World Stage*. Oxford: Oxford University Press.
- Miniconi, P. J. (1981), “Un thème épique: la *teichoskopia*”, in Chevalier, R. (ed.), *L’épopée gréco-latine et ses prolongements européens Calliope II*. Paris, Les Belles Lettres: 71-80.
- Miralles, C. (1979), “El món clàssic en l’obra de Salvador Espriu”, *Els Marges* 16: 29-48.
- Molinari, C. (1977), *Storia di Antigona (de Sofocle al Living Theatre). Un mito nel teatro occidentale*. Bari: De Donato.
- Monleón, J. (1988), “Del inmarchitable tema de la libertad”, in Martín Elizondo, J., *Antígona entre muros*. Madrid, SGAE: 7-8.
- Moraes Augusto, M. G. (1992), « Le discours utopique dans la *République* de Platon », in Gély, S., *Sens et pouvoir de la nomination*. Montpellier, Publications de La Recherche, CNRS: 201-220.
- Morais, C. (1998), “António Pedro, *Antígona*”, in Silva, M. F. (ed.): 59-62.
- Morais, C. (ed.) (2001), *Máscaras Portuguesas de Antigona*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Morais, C. (2004), “António Pedro, *Antígona* (glosa Nova da tragédia de Sófocles)”, in Silva, M. F. S. (coord.) (2004) 41-43.
- Morais, C. (2012), “Mito e Política: variações sobre o tema da *Antígona* nas recriações de António Sérgio e de Salvador Espriu”, in López, A., Pociña, A., Silva, M. F. (eds.), *De ayer a hoy: influencias clásicas en la literatura*. Coimbra, CECH: 319-330.
- Morais, C. (2014), “Antígona, ‘a razão suprema da liberdade’: intertexto e metateatro na recriação de Carlos de la Rica (1968)”, in Pereira, B. F., Ferreira, A. M. (eds.): 97-108.

- Morante, E. (1987), "Sul romanzo", in *Pro o contro la bomba atomica e altri scritti*, a cura di Garboli, C. Milano, Adelphi: 41-73.
- Morenilla Talens, C. (2008), "La obsesión por Fedra de Unamuno (1912), Villalonga (1932) y Espriu (1978)" in López, A. & Pociña, A. (eds.), *Fedras de ayer y de hoy. Teatro, poesía, narrativa y cine ante un mito clásico*. Granada, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada: 435-480.
- Moreno i Doménech, M. (2010/11), *El tractament del grotesc a Antígona de Salvador Espriu*. Treball de Recerca del Màster Oficial Interuniversitari d'Estudis Teatral: Universitat Autònoma de Barcelona, <http://www.recercat.net/bitstream/handle/2072/170120/Eltractamentdelgrotesc.pdf>
- Moretón, S. (2011), "Antígona de María Zambrano", *Mediterránea 11/11*: 48-112 (en www.retemediterranea.it).
- Morey, M. (1997), "Sobre Antígona y algunas otras figuras femeninas", in Rocha, T. (ed.), *María Zambrano: la razón poética o la filosofía*. Madrid, Tecnos: 150-158.
- Muñoz Martín, M. N. & Sánchez Marín, J. A. (eds.) (2012), *Homenaje a la Profesora María Luisa Picklesimer (In memoriam)*, Coimbra: CECHC.
- Nadeau, M. (1964), *Histoire du Surréalisme*. Paris: Éditions du Seuil.
- Nel Amaro (1989), "El teatro llariegu, un eficaz y forniu pegollu normalizador desaprocecháu", *Lletres Asturianas 34*: 17-28.
- Nel Amaro (1991), *Antígona, por exemplu*. Uviéu: Academia de la Llingua Asturiana.
- Nel Amaro et al. (1992), *El secretu de la lluvia. Cuentos fantásticos*. Uviéu: Academia de la Llingua Asturiana.
- Nieva de la Paz, P. (1999), "*La tumba de Antígona (1967): teatro y exilio en María Zambrano*", in Aznar Soler, M. (ed.), *El exilio teatral republicano de 1939*. Barcelona, Gexel: 287-302.
- Nussbaum, M. (2001), *The fragility of Goodness: luck and ethics in Greek tragedy and philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Oliveira, F. (2008), "Misoginia clássica: perspectivas de análise", in Soares, C., Calero Secall, I., Fialho, M. C. (eds.), *Norma e transgressão I*. Coimbra, IUC: 65-91.
- Oudemans, Th. C. W., Lardinois, A. P. M. (1987), *Tragic Ambiguity: Anthropology, Philosophy and Sophocles'Antigone*. Leiden: E. J. Brill.
- Paglia, S. (2011), "La sperimentazione linguistica e l'esplicitazione tematica dai romanzi alla *Serata a Colono* di Elsa Morante", *Critica letteraria 150* : 79-101.
- Paglia, S. (2011), "Note sulla proiezione intertestuale dall'*Edipo a Colono* di Sofocle alla *Serata a Colono* di Elsa Morante", *Maia 63* : 149-163.
- Paillard, M. C. (2005), "Margherite Yourcenar et Virginia Woolf 'dans le salon vaguement éclairé par les lueurs du feu': variations sur *Une chambre à soi*", in *Marguerite Yourcenar*.

- La femme, les femmes, une écriture - femme?*, Actes du Colloque Intern. Baeza (Jaén) 19-23 de Noviembre de 2002. Clermont-Ferrand, SIEY: 109-123.
- Papalexiou, E. (2010), «Mises en scène contemporaines d'Antigone », in Duroux, R., Urdician, S., *Les antigones contemporaines*: 87-102.
- Pasolini, P. P. (1991, 1998), *Il Vangelo secondo Mateo. Edipo re. Medea*. Introduzione di Morandini, M. Milano: Garzanti.
- Pelo, A. (2008), “ La Serata a Colono di Elsa Morante. Note sulla lingua e lo stile”, *La lingua italiana* 4 : 137-151.
- Pereira, B. F., Ferreira, A. (eds.) (2014), *Symbolon IV – Medo e Esperança*. Porto: FLUP.
- Pianacci, R. E. (2008), *Antígona: una tragedia latinoamericana*. Irvine, California: Ediciones Gestos.
- Pickard-Cambridge, A. W. (1996), *Le feste drammatiche di Atene*, Seconda edizione riveduta da Gould, J. e Lewis, D. M., trad. di Blasina, A., Scandicci (Firenze): La Nuova Italia (1968, Oxford: Oxford University Press).
- Picklesimer, M. L. (1998), “Antígona: de Sófocles a María Zambrano”, *Florentia Iliberritana* 9: 347-376.
- Pino Campos, L. M. (2007), “Antígona, de la piadosa rebeldía de Sófocles a la mística inmortal de María Zambrano”, *Antígona* 2: 78-95.
- Pino Campos, L. M. (2005), “La condena de Antígona y el exilio de María Zambrano: apuntes en torno a la historia sacrificial”, *Revista de Filología de la Universidad de La Laguna* 23: 247-264.
- Pino Campos, L. M. (2010), “Antígona y sus circunstancias”, *Fortunatae* 21: 163-187.
- Piquero, J. L. (ed.) (2004), *Antoloxía del cuentu eróticu. Lliteratura asturiana contemporánea*. Uviéu: Ámbitu.
- Pociña, A. (2007), “Julia Uceda. ¿Poeta inexistente?”, in *Tecer con palabras. Mulleres na poesía en castelán, galego e portugués*. Santiago, Edicións Correo: 301-306.
- Prauscello, L. (2007), “‘Dionysiac’ Ambiguity: HomHymn 7.27: ὄδῃ δ’ αὐτ’ ἄνδρεςσι μελήσει”, *MD* 58: 209-216.
- Prieto Pérez, S. (1999), “El ethos de Eloísa y las figuras trágicas de Electra y Antígona en María Zambrano a propósito de una distinción lucreciana”, in Adiego, I.-X. (ed.), Actes del XIII Simposi de la Secció catalana de la S.E.E.C. Tortosa, Adjuntament: 263-269.
- Pujol, M. (1999), “José Martín Elizondo: de una memoria defendida a un «teatro sin fronteras»”, in Aznar Soler, M. (ed.): 331-347.
- Pujol, M. (2009), “José Martín Elizondo. Una intensa vida de teatro”, *Primer Acto* 329: 156-168.

- Pulquério, M. (1987), *Problemática da tragédia sofocliana*. Coimbra. **editor**
- Quance, R. A. (2001), *La tumba de Antígona de María Zambrano: Política y misterio*. Madrid: Visor Libros.
- Quijada Sagredo, M. (2013), “La retórica de la súplica: los discursos de Adrasto y de Etra (Eurípides, *Supp.* 162-92 y 297-331)”, in Quijada Sagredo, M., Encinas Reguero, M. C. (eds.), *Retórica y discurso en el teatro griego*, Madrid, Ediciones Clásicas: 31-60.
- Radatz, H.-I., Torrent-Lenzen, A. (eds.) (2006), *Iberia polyglotta. Zeitgenössische Gedichte und Kurzprosa in den Sprachen der Iberischen Halbinsel. Mit deutscher Übersetzung*. Titz: Axel Lenzen Verlag.
- Ragué Arias, M^a J. (1989), *Els personatges femenins de la tragèdia grega en el teatre Català del segle XX*. Sabadell: AUSA.
- Ragué Arias, María José (1990), *Els personatges femenins de la tragèdia grega en el teatre català del XX*. Sabadell: Editorial AUSA.
- Ragué, M. J. (1991), *Los personajes y temas de la tragedia griega en el teatro gallego contemporáneo*. Sada – A Coruña: Edición do Castro.
- Ragué Arias, M. J. (1992), *Lo que fue Troya: los mitos griegos en el teatro español actual*. Madrid: Asociación de Autores de Teatro.
- Ragué Arias, M. J. (1994), “La ideología del mito. Imágenes de la Guerra Civil, de la posguerra y de la democracia surgidas a partir de los temas de la Grécia Clásica en el teatro de siglo XX en España”, *Kleos* 1: 63-69.
- Ragué Arias, M. J. (1996), *El teatro de fin de milenio en España (de 1975 hasta hoy)*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Ragué Arias, M. J. (2005), “Del mito contra la dictadura al mito que denuncia la violencia y la guerra”, in Vilches de Frutos, M. F.: 11-21.
- Ragué Arias, M. J. (2011), “Mito y teatro en José Martín Elizondo”, in Aznar Soler, M., López García, J. R. (eds.): 362-369.
- Ramos, M. L. (1991), *Análise estrutural de Primeiras Estórias*, in Coutinho, E. F. (ed.), *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Real, M. (2011), *O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010. Labirinto da razão e a Fonte de Deus*. Lisboa: INCM.
- Rebello, L. F. (1984). *100 Anos do Teatro Português*. Lisboa: Brasília Editora.
- Ripoli, M., Rubino, M. (eds.) (2005), *Antigone. Il mito, il diritto, lo spettacolo*. Genova: De Ferrari & Devega.
- Roda, F. (1965), “Notas al estreno de la primera versión de *Antígona*”, *Primer Acto* 60: 38-39.
- Rodighiero, A. (2007), *Una serata a Colono. Fortuna del secondo Edipo*. Verona: Edizioni Fiorini.

- Romero Mariscal, L. (2012), "Figuras del logos femenino en Virginia Woolf: Las razones de Antígona", in De Martino, F., Morenilla, C. (eds.), *Teatro y sociedad en la Antigüedad clásica. El logos femenino en el teatro*. Bari, Levante Editori: 557-582.
- Romero Mariscal, L. (2012), *Virginia Woolf y el Helenismo, 1807-1925*. Valencia: Ed. Diputació de Valencia.
- Romilly, J. (1971), *Le temps dans la tragédie grecque*. Paris: J. Vrin.
- Ruiz, M. (1988), "Una 'Antígona' entre muros...", in Martín Elizondo, J., *Antígona entre muros*. Madrid, SGAE: 9-11.
- Sarabando, J., Correia, J. Sacramento, C. (2009), *Livro de Amizade. Lembrando Mário de Sacramento*. V. N. de Famalicão: Ed. Húmus.
- Sánchez Vicente, X. X. (1991), *Crónica del Surdimientu (1975-1990)*. Oviedo: Barnabooth.
- Santiago Bolaños, M. (2010), "María Zambrano dialogue avec Antigone", in Duroux, R., Urdician, S. (eds.), *Les Antigones contemporaines...*: 75-86.
- Saxonhouse, A. (1986), "From tragedy to hierarchy and back again: women in Greek political thought", *American Political Science Review* 80: 403-448.
- Schofield, M. (1999), *Saving the city: Philosopher-Kings and other classical paradigms*. London, New York: Routledge.
- Segal, C. P. (1964), «Sophocles' Praise of Man and the conflicts of the *Antigone*», *Arion* 24: 46-60.
- Seale, D. (1982), *Vision and stagecraft in Sophocles*. London and Canberra: Croom Helm.
- Sgorlon, C. (1988), *Invito alla lettura di Elsa Morante*, Milano: Mursia editore.
- Silva, M. F. (ed.) (1998), *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, vol. I. Lisboa: Edições Colibri / FLUC.
- Silva, M. F. (ed.) (2004), *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, vol. III. Coimbra: FLUC.
- Silva, M. F. (ed.) (2006), *Furor: ensaios sobre a obra dramática de Hélia Correia*. Coimbra: IUC.
- Silva, M. F. (2010), "Le mythe d'Antigone sur la scène portugaise du XX^e siècle", in Duroux, R. et Urdican, S. (eds.), *Les Antigones contemporaines (de 1945 à nos jours)*. Clermont-Ferrand, Presses Universitaires Blaise Pascal: 287-294.
- Siti, W. (1995), "Elsa Morante nell'opera di Pier Paolo Pasolini", in D'Angeli, C., Magrini, G. (eds.), *Vent'anni dopo La Storia. Omaggio a Elsa Morante*. Pisa: Giardini.
- Soares, C., Calero Secall, I., Fialho, M. C. (eds.) (2008), *Norma e transgressão I*. Coimbra: IUC.
- Soares, C. Fialho, M. C., Alvarez Morán, M. C., Iglesias Montiel, R. M. (eds.) (2011), *Norma e transgressão II*. Coimbra: IUC.
- Staley, G. A. (1985), «The literary ancestry of Sophocles' 'Ode to Man'», *Classical World* 78: 561-570.

- Steiner, G. (1991), *Antígonas*. Trad. Bixio, A. L. Barcelona: Editorial Gedisa.
- Steiner, G. (1995; reimp. 2008), *Antígonas*. Trad. port. de Pereira, M. S. Lisboa: Relógio d'Água.
- Steiner, G. (1996), "Tragedy, pure and simple", in Silk, M. (ed.), *Tragedy and the tragic. Greek theatre and beyond*. Oxford, Clarendon Press: 534-46.
- Stevens, E. B. (1933), «The topics of counsel and deliberation in Prephilosophical Greek Literature», *Classical Philology* 28: 104-120.
- Styan, J. (1973), *The Elements of Drama*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- Suder, W. desdobre-me esta inicial, por favor, para o índice (1991), *Genas. Old age in Greco-Roman Antiquity. A classified bibliography*. Wrocław: **editor**
- Taplin, O. (1989), *The stagecraft of Aeschylus. The Dramatic Use of Exits and Entrances in Greek Tragedy*. New York: Clarendon Press (with corrections; Oxford University Press 1977¹).
- Trueba Mira, V. (2010), "La sierpe que sueña con el pájaro (algunos apuntes sobre María Zambrano, dramaturga)", *Aurora* 11: 103-116.
- Ubersfeld, A. (1974), *Le roi et le bouffon*, Paris: Lire le théâtre. Éditions sociales.
- Urdician, S. (2008), « Antigone, du personnage tragique à la figure mythique », in Léonard-Roques, V. (ed.), *Figures mythiques, Fabrique et métamorphoses*. Clermont-Ferrand, PUBP: 87sqq.
- Van Leeuw, M.-N. (2013), *Le Mythe d'Antigone: sources et evolution*. Editions des 3 hibouks (e-book).
- Várzeas, M. (2011), *Sófocles. Antígona*. Vila Nova de Famalicão: Humus (TNSJ).
- Vilches de Frutos, M. F. (2005), *Mitos e identidades en el teatro español contemporáneo (Foro Hipánico 27)*. Amsterdam/New York: Edicions Rodopi.
- Vilches de Frutos, M. F. (2006), "Mitos y exilios en la construcción de la identidad colectiva: Antígona en el teatro español contemporáneo", *Hispanística XX* 24: 71-93.
- Vox, O. (1981), "Omero, Polibio, Dione Cassio: notizie editoriali", *Belfagor* 36: 81-83.
- Wiltshire, S. F. (1976), "Antigone's disobedience", *Arethusa* 9: 29-36.